

OS PRIMEIROS ARROUBOS DE EXALTAÇÃO PATRIÓTICA E LIBERAL DO ACADÉMICO GARRETT

ISABEL CADETE NOVAIS

Resumo

Quando estamos perante um génio da Literatura como Almeida Garrett, mesmo os vestígios mais remotos da sua produção literária, por mais insignificantes e pueris que possam parecer perante o cânone dos títulos publicados, acabam por revelar facetas recônditas que ajudarão a definir ou acentuar as linhas de uma personalidade e de um talento em progresso.

É o caso das suas primícias teatrais, enquanto estudante de Coimbra. Entre os fragmentos autógrafos desses textos, encontra-se um elogio dramático com o título O Amor da Pátria, escrito em 1819, para festejar o nascimento da futura rainha D. Maria II. Publicada uma primeira versão muito incompleta, nas Obras Póstumas, em 1914, damos agora a conhecer a versão final desse texto, posta em confronto com todas as variantes textuais anteriores, permitindo ao leitor acompanhar o pulsar da inspiração e o fluir da escrita, reprimida em certos momentos pelo rigor da expressão.

Entre os vários escritos poéticos e teatrais que compõem a juvenília literária de Almeida Garrett, encontra-se um elogio dramático intitulado *O Amor da Pátria*. Trata-se de uma composição alegórica redigida em Coimbra, em finais de 1819, com a intenção expressa de festejar o nascimento de D. Maria da Glória, princesa da Beira e do Grão-Pará, ocorrido a 4 de Abril desse mesmo ano, no Rio de Janeiro, estando a corte portuguesa a residir no Brasil. Neta do rei D. João VI e filha de D. Pedro, o herdeiro legítimo da coroa portuguesa e defensor acérrimo do liberalismo, D. Maria da Glória viria a ser D. Maria II, a primeira rainha constitucional de Portugal.

Nessa época, o jovem Garrett, cuja formação básica assentara em moldes arcádicos, frequentava o quarto ano do curso de Direito da Universidade de Coimbra, ao mesmo tempo que vivia na exaltação revolucionária das ideias liberais, quer participando em manifestações académicas e reuniões clandestinas, quer compondo

poemas e formas teatrais de ardor patriótico, nos quais se evidenciava como orador, actor e até encenador.

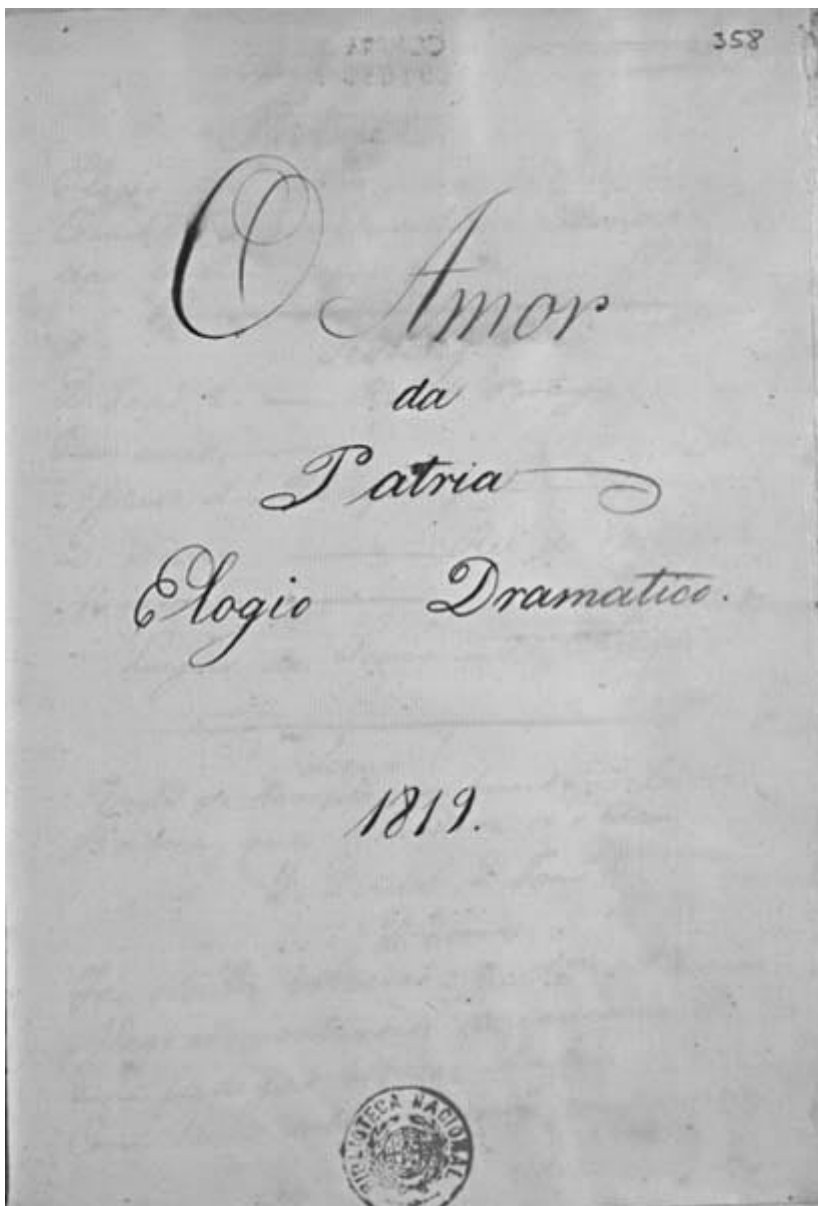
Os elogios dramáticos assim como os dramas alegóricos, muito em moda ao longo de toda a segunda metade do século XVIII, eram peças teatrais artificiosas, carregadas de termos mitológicos, mas desprovidas de conteúdo dramático, que espelhavam o gosto arcádico, empolado e elitista das classes cultas setecentistas e tinham por objectivo enaltecer feitos heróicos, elogiar pessoas ilustres, festejar nascimentos ou acontecimentos nacionais. Porém, nem sempre esses elogios eram dirigidos a quem os merecia de facto, o que os tornava caricatos e por isso pouco dignos dos seus autores. O conturbado período de lutas entre liberais e absolutistas propiciou a que certos indivíduos vivessem ao sabor das oportunidades políticas, recorrendo à hipocrisia e aos discursos bajulatórios, com o fim de obter vantagens. Os elogios dramáticos cumpriam, por vezes, essa função, mas também alimentavam e agregavam os espíritos exaltados de ambas as facções políticas, mantendo acesa a chama patriótica e assim se justifica que tenham continuado a levar muita gente ao teatro, nas primeiras décadas do século XIX.

Do que pudemos apurar, chegaram até aos nossos dias duas versões autógrafas do elogio *O Amor da Pátria*: uma, a mais antiga, foi adquirida pela Biblioteca Nacional em 1908 e publicada em 1914, no volume I das obras póstumas de Garrett, na edição «Obras Completas», dirigida por Teófilo Braga, com transcrição e comentários da responsabilidade de Francisco Gomes de Amorim, amigo e biógrafo do ilustre escritor¹. A outra versão, cópia parcial da primeira, faz parte do espólio literário, conservado na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, de acordo com o inventário organizado por Henrique de Campos Ferreira Lima² e nunca foi publicada.

Dois anos após a sua publicação, o texto voltou a ser dado ao público, mas dessa vez inserido num pequeno estudo sobre elogios dramáticos, de Xavier da Cunha, no *Boletim* da Sociedade de Bibliófilos Barbosa Machado. É de salientar que ambas as edições apresentam o texto fixado a partir do autógrafo existente na Biblioteca Nacional (códice 12942). Porém, a caligrafia do dramaturgo nem sempre foi entendida da mesma maneira pelos seus editores, dando origem a divergências de leitura por vezes consideráveis.

1 A advertência que introduz o elogio tem a data de 1885.

2 Edição da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1948.



O amor da Pátria; Elogio dramático [Cod. 12942]
Biblioteca Nacional – Portugal

Questionamo-nos se Xavier da Cunha desconheceria a inclusão de *O Amor da Pátria* na edição das obras póstumas de Garrett, no momento em que fixou o texto do elogio, dado que não fez qualquer alusão a esse facto. Acharmos pouco provável, sendo ele Director da Biblioteca Nacional desde 1902 e tendo sido, através da sua pessoa, que os preciosos autógrafos foram adquiridos aos herdeiros de Gomes de Amorim, seis anos mais tarde, em 1908, para os fundos daquela instituição³, naturalmente lhe terá chegado às mãos o pedido de autorização para serem editados em 1914. Qualquer que tenha sido a razão da omissão, não deixou de ser importante a versão de Xavier da Cunha visto revelar-se mais próxima do texto original.

Confrontemos agora as descrições que Gomes de Amorim fez do referido autógrafo. A primeira referência surge no volume I das *Memórias Biográficas*, em 1881, quando o códice ainda era sua propriedade, oferecido pelo próprio autor, algum tempo antes de falecer:

elogio dramático para se festejar em Coimbra o nascimento da princesa da Beira, em 1819. Foi escrito no mês de Novembro desse ano e representado diante da academia, com muitos aplausos de todos. Os versos são excelentes (p. 152, vol.I).

A segunda descrição foi feita na breve advertência à peça, inserida nas referidas obras póstumas, editadas em 1914, volume I:

Os versos são bons, como todos os que até aqui temos lido; [...].

É provável que o presente elogio dramático se concluisse, e que também se recitasse; mas não tenho a certeza de uma nem de outra coisa. Penso que o completou, porque há uma página que assim o indica. Porque o deixou, porém, cortado pelo meio, pouco mais ou menos? Também haveria dificuldade em restaurá-lo? Ou seria a própria natureza do assunto que o obrigou a deixá-lo mutilado? (p. 148).

3 Nessa data, foram comprados aos herdeiros de Francisco Gomes de Amorim os dois códices que lhe tinham sido oferecidos pelo próprio Garrett: um contendo fragmentos do poema “Magriço” e o outro os borrões e fragmentos de seis peças (“Atala” – drama incompleto em decassílabos brancos, antecedido de um prefácio; “Lucrécia” – tragédia em 5 actos, em verso decassílabo solto antecedido por um prólogo; “Afonso de Albuquerque” – tragédia incompleta em decassílabos brancos, igualmente precedida por um prólogo; “Sofonisba” – tragédia incompleta em versos decassílabos soltos, precedidos por uma advertência; “O Amor da Pátria” – elogio dramático, e “La Lezione agli amanti” – opereta burlesca em versos de métrica diversa, em italiano e português. Encontra-se a descrição completa dos referidos autógrafos no Relatório dos Serviços da Biblioteca Nacional de Lisboa, no quarto trimestre de 1908, inserido no Tomo VII do *Boletim das Bibliotecas e Archivos Nacionais*. Este mesmo relatório foi publicado separadamente em folheto (Coimbra, 1909).

O Amor to Horror 360
da
Pátria.

Elogio Dramático para se festejar em
Coimbra o nascimento da Princesa
da Beira em de 1819.

Actores.

D. João 2. — Rei de Portugal.

Camões. —

Afonso d'Albuquerque —

D. Diniz. — Rei de Portugal

Minerva —

Lugar da Senna — Os Chirios.

Scena 1.

Vista de templo no fundo. Delicioso
Bosque, que conduz a elle

D. Diniz, D. João 2.

D. Diniz

Foi sculo volverão: nesta estância
Alegres, venturosos denunciamos
Das fadigas vitales. Ao Céu apromos
Com tanto sobejo premio compensa-lo.

Como se verifica, quatro anos depois da publicação das *Memórias*, Gomes de Amorim entra em contradição quanto ao desfecho do elogio dramático e até quanto ao valor dos seus versos. Mas essa contradição não passa de uma consequência da análise superficial do suporte, porque, observando atentamente o manuscrito, conclui-se que ele corresponde, não a uma, mas sim, a duas fases de execução que passamos a descrever:

- uma fase a que correspondem os fólhos com paginação a lápis, feita posteriormente por terceiros (360-367) e os versos numerados de cinco em cinco, pelo punho do poeta. Referimo-nos a um fragmento escrito a tinta azul já queimada, em papel tipo almaço in 4º. O texto encontra-se interrompido, de forma abrupta, a meio da cena quarta, com uma expressão riscada, seguida do registo de dois nomes: *Jº Anastácio⁴ – D. de Teive*. Julgamos que se trataria de um pequeno lembrete, para posteriores referências sobre os ditos autores, quando a escrita fosse retomada. Este tipo de apontamento é normal, tratando-se de um manuscrito de trabalho, como o próprio Garrett fez questão de salientar, ao colocar, no canto superior direito da primeira página, a nota: *1º Borrão*, já por si justificado pela irregularidade da caligrafia, pelas frequentes rasuras, riscados e interrupções do fluxo escritural e ainda correcções tardias com tinta diferente, como é o caso do título, *O Templo da Virtude*, alterado em sobreposição para *O Amor da Pátria*;
- uma outra fase de execução do texto a que correspondem as restantes duas páginas: uma, a do rosto do trabalho (p. 358), apenas com o título, o subtítulo e o ano de execução, e outra com os últimos dezoito versos da peça (p. 368). Estas folhas apresentam um tipo de papel diferente, mais fino e macio que o primeiro em que se distinguem as vergaturas horizontais

4 Foi o próprio Garrett que deixou expresso o apreço que nutria pela poesia de José Anastácio da Cunha. No Inventário do Espólio Literário do escritor, feito por H. C. Ferreira Lima, na parte dedicada aos “Autógrafos coligidos por Almeida Garrett”, no § 199, é descrito o autógrafo com o título “Poesias de José Anastácio da Cunha collegidas por J. B. S. L. A. Garrett. Porto 1820” (p. 88). Na breve “advertência” escrita no verso da folha do título, Garrett explica o seu projecto: “Procuro juntar nesta colecção o que puder dos versos do virtuoso, e erudito, quanto infeliz José Anastácio. Dispersos, estropeados andam por muitas e ignorantes mãos; porei peito em conservá-los o melhor que souber e possa. Eles não são, a meu ver, daqueles que fazem a fama dum grande poeta; mas tem contudo sobejo merecimento, e mostram uma alma virtuosa, um coração sensível, e bom, e um espírito incerto, mas amigo da verdade. Porto, Agosto de 1820. J. B. S. L. A. Garrett”.

Elementos, cedei ao meu imperio;
 A' voz da filha do supremo Jove;
 Emmudecei, o' leis da Natureza.
 Nestos espaços d'alongados mares
 Que o mundo antigo separaes de nós
 Longe ao meu brado. E' occidente a
 Se consolide o adusto meio-dia.
 Portugueses fideis, eis vosso premio.
 (Como se a fôrta do templo, e apparece o re-
 do do templo. —

Por milagre d'amor, de lealdade
 E' elle, e' vosso pae, erci, e amparo:
 Por este o sangue arado derramasteis,
 E' o tremno vacillante lhe firmaste
 Por gloria, por dever vos soes seus fi-
 Por gloria, por dever elle e' pae vo-
 Sede quaes sempre fosteis, Portug.
 Derempenhae o venerando nome
 Brithe no peito vosso o amor cons-
 De a patria.

O amor da Pátria; Elogio dramático [Cod. 12942]
 Biblioteca Nacional - Portugal

e a marca de água “GIO MAGNANI”. Nelas ressalta a caligrafia cuidada e sem rasuras, assim como a cor da tinta bastante mais intensa. São ainda de salientar três particularidades que levam a concluir que estas folhas pertencem a uma versão acabada da obra: os versos já não estão numerados, o que é típico de uma cópia definitiva, a margem superior está paginada, a tinta, pelo autor com o número (11) e a meio do verso desse mesmo fólio, como que a selar o trabalho, tem colocada a data – *Coimbra em Novembro 1819*.

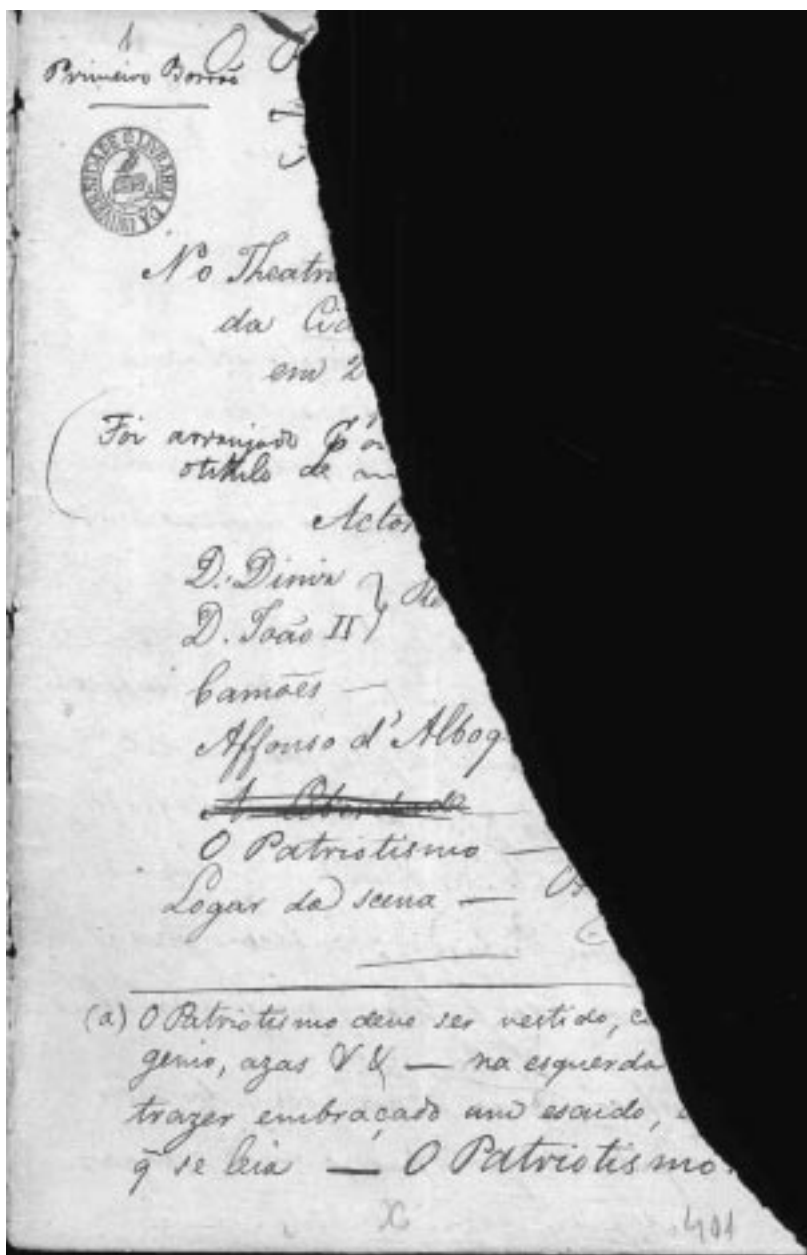
O que terá acontecido, a nosso ver, foi um erro do compilador dos manuscritos, possivelmente, o próprio Gomes de Amorim, que, não se apercebendo de que estava perante duas versões do mesmo texto, as reuniu como se de uma só se tratasse. Assim, perante tais evidências, parece não restar dúvidas de que *O Amor da Pátria* foi concluído. Mas, se acaso residissem quaisquer suspeitas, seriam anuladas perante o cotejo com a versão existente na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Na p. 9 do inventário de Ferreira Lima, § 37, respeitante ao conjunto “Fragmentos de diversas composições dramáticas”, o inventariador descreve *O Amor da Pátria*, nos seguintes termos:

Supomos ser este o título de um manuscrito incompleto, de que está rasgada a primeira folha. Nela se lê: Primeiro borrão; foi arranjado o título. Actores: D. Diniz, D. João II, Camões, Afonso de Albuquerque, O Patriotismo; o Patriotismo deve ser vestido, etc. 12 pág.,

remetendo-nos ainda para a nota de rodapé que transcrevemos:

Tem os mesmos personagens que O Amor da Pátria, Elogio dramático para se festejar em Coimbra o nascimento da princesa da Beira em [...] de 1819, publicado em 1914 no 1º vol. das Obras Póstumas, de Garrett, segundo o original que pertenceu a Gomes de Amorim, e que faz parte de dois vol. aut. que foram adquiridos pela Biblioteca Nacional de Lisboa.

Analisado o autógrafo, conclui-se que se trata de uma versão intermédia em relação às que existem na Biblioteca Nacional, possivelmente uma passagem a limpo da primeira, por simples necessidade de expansão dos textos. O suporte do manuscrito em papel tipo almaço, de formato in-fólio, sem marca de água, apresenta a primeira e última folhas muito danificadas (faltando texto), assim como a quinta folha rasgada, dificultando, por vezes, a leitura. O autógrafo, redigido a tinta preta, ocupa as doze



O amor da Pátria; Elogio dramático [Fólio 401]
Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

páginas do suporte. Embora continue a ter no canto superior esquerdo da primeira página a anotação de *Primeiro Borrão*, trata-se, sem dúvida, de uma fase mais avançada da produção textual, com diferenças consideráveis a nível da estrutura e a introdução de elementos importantes para a história da peça. No entanto, o mau estado de conservação do suporte não permite obter certezas quanto às variantes de título, bem como ao local e data da sua representação. Sabe-se apenas que foi levada à cena num teatro de Coimbra⁵, num dia cuja data terá sido iniciada pelo algarismo 2, de Novembro ou mesmo Dezembro de 1819. Um outro dado relevante é a nota acrescentada, entre parêntesis e em letra corrida, de que *foi arranjado por or[dem...] o título de [?]*. Pena é que o rasgão na folha não nos permita ler todo o texto. Contudo, lança-nos a suspeita de que o jovem Garrett poderá ter escrito este elogio dramático a rogo de alguém influente, tanto mais que nas récitas e sessões literárias da academia coimbrã os seus dotes literários já mereciam entusiásticos aplausos, deixando antever o talentoso escritor que viria a revelar-se alguns anos mais tarde.

Quanto à estrutura externa, o elogio é constituído por quatro cenas em que predominam os versos decassílabos brancos. A alteração mais significativa, entre a versão publicada nas Obras Póstumas e esta que damos agora ao público, verifica-se na expansão da cena terceira, com a continuação do diálogo entre *Camões* e *Afonso de Albuquerque*, ao que se segue a quarta e última cena iniciada e concluída com as longas falas da personagem *O Patriotismo*.

Sobre as personagens, há ainda a referir as alterações das entidades alegóricas, como tentativas do autor para incutir maior fulgor, determinação e ardor patriótico às cenas: assim, *Minerva*, que elenca a primeira versão, é substituída pela figura *A Liberdade*, mas, logo na sequência da escrita, também esta hipótese foi riscada para dar lugar a outra figura mais empolgante e triunfalista na defesa da causa nacional, *O Patriotismo*.

5 Na ausência de fontes seguras sobre o local onde foi representado *O Amor da Pátria*, resta-nos conjecturar tendo como base os dados que apurámos. Sabe-se que durante a sua estada em Coimbra, Garrett teve grande participação nas actividades teatrais académicas, como autor, encenador e actor. Sabe-se também que, para além da Academia (sala dos Grandes Actos) e alguns salões particulares, foram vários os locais que acolheram as récitas e representações estudantis e populares. No Teatro da Rua dos Grilos e no Teatro dos Coutinhos, representaram-se algumas das primeiras peças de Garrett, como *Xerxes* e *Lucrecia*, contemporâneas do elogio dramático *O Amor da Pátria*. Porém, as indicações obtidas sobre os locais e datas dessas representações são variáveis e por vezes contraditórias, oscilando entre 1817 e 1820. No entanto, há dados de que o Teatro dos Coutinhos esteve activo durante os anos 1818 e 1819, tendo levado à cena peças de Garrett. Esse facto levamos a admitir que *O Amor da Pátria* possa ter sido aí representado em Novembro ou Dezembro de 1819.

O autógrafo não foi paginado pelo autor. Porém, posteriormente, as folhas receberam dois tipos de paginação a lápis: uma, de 1 a 6, no canto superior direito (excepto a primeira folha que se encontra rasgada e, por isso, foi numerada no lado oposto); outra, de 401 a 406, no canto inferior direito, que indica que o mesmo documento faz parte de um conjunto. Há ainda a registar algumas anotações na margem inferior de algumas páginas que parecem ter sido feitas pela mesma mão que colocou a última numeração: na primeira folha, um *X* e no verso das pp. 5 e 6, no canto inferior esquerdo, respectivamente, o número 37 com os algarismos 2 e 1 subscritos. Contudo, é possível estabelecer correspondência a nível textual entre a décima primeira página do *1º Borrão* e a folha paginada pelo autor com o número (11) contida no códice da Biblioteca Nacional, o que confirma a ideia já atrás formulada de que aquela versão é uma cópia da primeira, ainda que mais desenvolvida.

O estado fragmentário dos suportes e as múltiplas semelhanças encontradas, ao nível das personagens e títulos, em outras experiências teatrais do autor, têm levado a erros de identificação destes autógrafos, os quais convém desde já esclarecer:

- um deles foi apontado por Andréa Crabbé Rocha⁶ a Henrique Ferreira Lima. Segundo a autora, “a inclusão da personagem do “terribil” neste elogio dramático levou H. Ferreira Lima, habitualmente tão exacto, a dar a este manuscrito o título de *Afonso de Albuquerque*, confundindo-o assim com outro da mão de Garrett, igualmente publicado no volume das Obras Póstumas. Contudo, no catálogo, tal erro não subsiste”.
- Mais recentemente, Duarte Ivo Cruz, no seu texto “Garrett e o Romantismo: um programa estético e ideológico”⁷, refere o seguinte: “D. Filipa de Vilhena (1840) nasceu de um primeiro texto, *Amor e Pátria*, escrito com Cesar Perini de Luca. De notar que o título primitivo da peça era *O Templo da Virtude*”. Ora, acontece que Ivo Cruz confunde dois títulos muito próximos embora os conteúdos sejam muito diferentes, bem como as datas e fins a que se destinaram. A menos que tenha existido na versão autógrafa deste texto, hoje desaparecida, aquele título como variante

6 *O teatro inédito de Garrett*, Coimbra : Coimbra Editora, 1949.

7 In *Ciclo Garrett*, programa do Teatro de Dona Maria II, Fev./ Março 1999: p. 58. O autor repete o mesmo equívoco em *Introdução à História do Teatro Português* (pp. 115 e 116) e em *História do Teatro Português* (p. 138).

riscada, o que parece ser pouco provável. Se não, vejamos – *O Amor da Pátria* (elogio dramático) foi escrito em Coimbra, em 1819, para comemorar o nascimento da princesa da Beira, ocorrido a 4 de Abril de 1819, enquanto a peça *Amor e Pátria* foi apenas esboçada por Garrett e redigida pelos professores Cesar Perini de Luca, João Napomuceno de Seixas e José Augusto Leal, da Escola de Declamação, para ser representada por alunos do Conservatório Nacional, no teatro do Salitre, em Lisboa, em 30 de Maio de 1840. Esse texto foi integrado, anónimo, no programa que adiante reproduzimos⁸.

De acordo com o *Programma*, a festa foi composta de três partes: na primeira, teve lugar uma cantata intitulada *A Apoteose* com características de elogio dramático, dividida em cinco cenas, em que os alunos da Escola de Música vestiram os papéis de *Vénus*, *Camões*, *Apolo*, além da presença de um *coro*. As cenas passavam-se num *sítio delicioso dos Bosques Idálios* e, tal como no elogio *O Amor da Pátria*, a última cena foi interrompida para introduzir o seguinte quadro: *abre-se o fundo do teatro, e aparece sobre um magnífico pedestal, o busto de S. M.* Depois do intervalo, a segunda parte do festejo foi então preenchida, tal como anunciava o programa, com a actuação dos alunos da Escola de Declamação. A peça tinha o título *Amor e Pátria. Drama original portuguez em tres actos*. Por fim, a última parte do espectáculo foi entregue à Escola de Dança que representou uma *Féeria em dois actos*, com o título *Bella, rica e boa* ou *As Três cidras do Amor*.

Perante esta descrição, o que nos parece ter acontecido foi um equívoco causado pelo conteúdo da cantata inicial, o título da peça que se lhe seguiu e a posterior reformulação que Garrett fez da mesma, seis anos mais tarde, dando origem ao drama *Dona Filipa de Vilhena*, baseado no argumento primitivo:

O mais famoso e popular episodio da revolução de 1640, que elevou ao throno a Serenissima Casa de Bragança, deu argumento a este pequeno

8 Lisboa: Imprensa Nacional, 1846.

8

PROGRAMMA

DO FESTEJO

QUE,

PELO FAUSTISSIMO ANNIVERSARIO
DE SUA PROTECTORA,
A RAINHA FIDELLISSIMA,
A SENHORA

DONA MARIA II.

NO DIA DO NOME

DE EL-REI O SENHOR

DOM FERNANDO,

SEU AUGUSTO PRESIDENTE,

FAZ O CONSERVATORIO DRAMATICO DE LISBOA
EM MDCCCXL.

FOI DADO NA PRESENÇA DE SS. MM.,

SENDO VICI-PRESIDENTE DO CONSERVATORIO
E INSPECTOR GERAL DOS THEATROS

o Conselheiro J. S. de Almeida Garrett.

LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL.

1840.

drama. A Condessa da Atouguia D. Philippa de Vilbena armando seus dois filhos para a revolução, fôrma a principal e verdadeira parte d' este quadro historico, que a musa dramatica livremente ornou de seus enfeites (p. 26).

Retomando o tema central deste estudo, ou seja, a fixação da versão mais completa do elogio dramático *O Amor da Pátria*⁹, quanto a nós, aquela que terá dado origem à última passagem a limpo da qual só existem as duas folhas anexas à primeira versão, passemos aos critérios que adoptámos para a transcrição do texto.

Critérios de transcrição

Sendo *O Amor da Pátria* uma experiência teatral da juventude, escrita numa época em que Almeida Garrett ensaiava os primeiros passos na fulgurante carreira literária que o consagraria ao mais alto nível das Letras Portuguesas, considerámos não actualizar a ortografia e as abreviaturas utilizadas pelo autor, esperando, desta forma, preservar o interesse que o texto possui como testemunho de uma época, tanto mais, tratando-se de uma versão inédita de um escrito de Garrett, facto que suscita, só por si, a curiosidade própria de tudo o que é dado, pela primeira vez, a público, dizendo respeito a alguém que o tempo transformou num ícone da Cultura nacional.

Como as duas edições da primeira versão do elogio distam quase um século deste nosso estudo e sendo o acesso às mesmas dificultado pela raridade dos exemplares, decidimos expor paralelamente as três versões existentes, destacando-as com cores diferentes, ou seja, damos a cinzento a versão mais antiga (já publicada), assim como as palavras conjecturadas (entre parêntesis rectos), enquanto que a versão final (inédita) é transcrita a preto. Em nota, num aparato simplificado, seguem-se todas as intervenções feitas no tecido textual pelo autor, bem como as divergências de leitura entre os editores anteriores, e ainda algumas observações pertinentes. Esta forma de fixação do texto parece-nos não só de utilidade pelas razões apontadas, mas também porque permite analisar todo o seu processo evolutivo até à versão final.

9 Como já foi referido, trata-se da versão existente na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, descrito no Inventário elaborado por Ferreira Lima.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, Augusto Gomes de (1881-84), *Garrett: memórias biográficas*, 3 vol., Lisboa: Imprensa Nacional.
- BARATA, José de Oliveira (1990), «O teatro e a Universidade de Coimbra» in *Revista de História das Ideias*, nº 12, Coimbra: Imprensa da Universidade.
- BESSA, Alberto (s/d), *Garrett dia a dia: ephemerides garrettianas*, [s.l.: s.n., 19—].
- BRAGA, Teófilo (1871), *História do Teatro Português IV: Garrett e os Dramas Românticos*, Porto: Imprensa Portuguesa.
- CASTRO, Augusto de (s/d), *Garrett e o Teatro Português*, Lisboa: Livraria Bertrand, [19—].
- CARVALHO, Joaquim Martins de (1893), «Os teatros em Coimbra nos séc. XVIII e XIX» in *O Conimbricense*, nº 4801 e seguintes, Coimbra.
- CRUZ, Duarte Ivo (1983), *Introdução à História do Teatro Português*, Lisboa: Guimarães Editores.
- CRUZ, Duarte Ivo (1999) «Garrett e o Romantismo» in *Ciclo Garrett* (programa do Teatro de Dona Maria II - Fevereiro/Março), Lisboa.
- CRUZ, Duarte Ivo (2001), *História do Teatro Português*, Lisboa: Editorial Verbo.
- CUNHA, Xavier da (1916), *Os Elogios Dramáticos: fugitivas divagações em que se intercala um inédito do Visconde de Almeida Garrett*, Lisboa: Tipografia Universal.
- GARRETT, Almeida (1817-1819), *Lucrecia; Átala; Afonso d' Albuquerque; Sofonisba; O Amor da Pátria; La lezione agli amanti*, manuscrito autógrafo, Biblioteca Nacional, Cód. 291903.
- GARRETT, Almeida (1846), *Dona Filipa de Vilhena*, comédia, Lisboa: Imprensa Nacional.
- GARRETT, Almeida (1914), *Obras Póstumas: Lucrecia; Átala; Afonso d' Albuquerque; Sofonisba; O Amor da Pátria; La Lezione agli Amanti*, coleção “Obras Completas” dir. Teófilo Braga, Lisboa: Liv. Moderna Editora.
- LEITURAS: *revista da Biblioteca Nacional* (1999), nº 4, número consagrado ao bicentenário do nascimento de Almeida Garrett, Lisboa.
- LIMA, Henrique de Campos Ferreira (1926), *Garrett e a Academia*, Coimbra: Imprensa da Universidade.

- LIMA, Henrique de Campos Ferreira (1935), *Garrett Estudante em Coimbra*, Sep. de *O Instituto*, vol. 88º, Figueira da Foz: Tipografia Popular.
- LIMA, Henrique de Campos Ferreira (1948), *Inventário de Espólio Literário de Garrett*, Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade.
- LOUREIRO, José Pinto (1959), *O Teatro em Coimbra: elementos para a sua História*, Coimbra: Câmara Municipal.
- MAGALHÃES, José Calvet de (1996), *A Vida Ardente de um Romântico*, Venda Nova: Bertrand.
- MALPIQUE, Cruz (1954), *História de um Elegante do Romantismo: uma biografia de Garrett*, Porto: Livr. Progredior Editora.
- MONTEIRO, Ofélia Milheiro Caldas Paiva (1971), *A Formação de Almeida Garrett: experiência e criação*, 2 vol., Coimbra: Centro de Estudos Românicos.
- PANORAMA (O). *Jornal Literário e Instrutivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis* (1855), Vol. XXI, 4º da 3ª Série, Lisboa.
- PROGRAMMA do Festejo (1840), *Que pelo Faustissimo Anniversario de Sua Protectora, a Rainha Fidellissima, a Senhora D. Maria II no Dia do Nome d' El-Rei o Senhor Dom Fernando, Seu Augusto Presidente, Faz o Conservatorio Dramatico de Lisboa em MDCCCXL*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- REBELLO, Luiz Francisco (1980), *O Teatro Romântico (1838-1869)*, Lisboa: Inst. de Cultura e Língua Portuguesa (col. "Biblioteca Breve").
- ROCHA, Andrée Crabbé (1954), *O Teatro de Garrett*, 2ª ed., Coimbra: Coimbra Editora.
- ROCHA, Andrée Crabbé (1949), *O Teatro Inédito de Garrett*, Coimbra: Coimbra Editora.
- ROCHA, Andrée Crabbé (1954), *Garrett Homme de Théâtre*, Sep. do *Bulletin d' Histoire du Théâtre Portugais*, vol. V, fasc. I, Lisboa.
- SARAIVA, António (1948), *A Evolução do Teatro de Garrett: os temas e as formas*, Lisboa: [s. n.].

ANEXO

[Primeira Versão]	Segunda versão – cópia aumentada]	Terceira versão – fragmento de cópia]
<p>[fl.] 360</p> <p style="text-align: center;"><i>1.º Borrão</i></p> <p style="text-align: center;">O Templo Amor da Virtude Patria.</p> <p>Elogio Dramatico para se festejar em Coimbra o nascimento da Princeza da Beira em de 1819.</p> <p style="text-align: center;">Cena Actores.</p> <p>D. João 2, — Rei de Portugal Camoens — Affonso d’ Albuquerque — D. Diniz, — Rei de Portugal</p> <p>Minerva —</p> <p>Lugar da scena — Os Elizeos</p>	<p>[fl.] 401</p> <p style="text-align: center;"><i>Primeiro Borrão</i></p> <p style="text-align: center;">O P[atritotismo ?]¹¹⁹ A[mor da Patria ?]¹²⁰ A[mor da Patria?]</p> <p style="text-align: center;">No Theatro [?] da cid[ade] em 2 [?]</p> <p style="text-align: center;">(Foi arranjado p’ or[?] o titulo de [?]</p> <p style="text-align: center;">Actor[es.]</p> <p>D. Diniz } Re[is]</p> <p>D. João II Camões — Affonso d’ Alboq[uerque —] A Liberdade O Patriotismo^(a) — Lugar da scena — Os [Elizeos]</p>	<p>[fl.] 358</p> <p style="text-align: center;">O Amor da Patria</p> <p style="text-align: center;">Elogio Dramatico 1819.</p>
	<p>(a) <i>O patriotismo deve ser vestido, c[?] génio, azas XX — na esquerda [?] trazer embracado um escudo, e[m] q. se leia — O Patriotismo.</i></p>	
<p style="text-align: center;">Scena I</p> <p>Vista de templo no fundo. Delcitoso Bosque, que conduz a elle</p>	<p>[fl.] 401 v.</p> <p style="text-align: center;">[Scena I]</p> <p>[Vista de templo no fundo. Delicioso, bosque [que conduz a elle]</p>	

D. Diniz, D. João 2

D. Diniz

Já seculos volverão: nesta estancia
Alegres, venturosos¹ descançamos
Das fadigas vitas. Aos Céos aprouve
Com tam sobejo premio compensa--las

[fl.] 361

Que dezejaz não temos da ventura.²
Tudo nos ri na habitação ditosa
Onde impera a virtude, onde é seu templo.³
Porem a morte ofi⁴ ~~na minha alma~~ no meu peito
Quebrar não pode os vinculos sagrados,
Que docemente ao mundo me ligavam⁵
Inda sou Português, conheço-o⁶ ainda
No amor da pátria que me ferve n' alma[.]

João 2

Conheço o grão Diniz,⁷ sei q. dos Luzos
Tu foste sempre o pac, o amor⁸ o amparo.

Terna pied⁹ candida justiça
Ao teu feliz império prezidirão.
No seio paternal¹⁰ sabio acolheste
A primeira das artes, fomentaste-a
D' augustas leis ao venerando abrigo¹¹
Colhe inda Portugal das lidas tuas
O proveitoso¹² saudavel fructo.
Tu lhe abriste á sciencia alta vereda¹³
E de Minerva os dons lhe deste, e o mimo
Do alcaçar, q. lhe ergueste¹⁴ a deusa ainda
Das apraziveis margens do Mondego
Luzeiro eterno pelo mundo esparg[.]

[fl.] 362

Diniz

Eu fui fiz o meu dever¹⁵ fui rei.

[D. Diniz, D.] João 2º

[D. Din]iz

[Já seculos volverão:] nesta estancia
[Alegres, venturosos] descançamos
[Das fadigas vitas]: Aos Céos aprouve
[Com tam sobejo] premio compensalas.

[Que dezejaz não t]emos da ventura.
[Tudo nos ri n]a habitação ditosa,^(a)
[Onde impera] a virtude, onde é seu templo
[Porem a m]orte, ó filho, no meu peito
[Quebrar n]ão pôde os vinculos sagrados
[Que doce]mente ao mundo me ligavão:
[Inda] sou Português; conheço-o ainda
[No] amor da pátria, q. me ferve n' alma.

(a) *Aponta para o Templo.*

D. João 2º

[Co]nheço o grão Diniz: sei q. dos Lusos
Tu foste sempre o pae, o amor, o amparo.

[fl.] 402

Terna piedade, candida justiça
Ao teu feliz imperio presidirão:
No seio paternal sabio accolheste
A primeira das artes, fomentaste-a
D' augustas leis ao venerando abrigo
Colhe inda Portugal das lidas tuas
O proveitoso, saudavel fructo.
Tu lhe abriste á sciencia alta vereda
E de Minerva os dons lhe déste, e os mimos.
Do alcaçar, q. lhe ergueste a deusa ainda
Nas apprasiveis margens do Mondego
Luzeiro eterno pelo mundo esparg[.]

D. Diniz

Eu fiz o meu dever: fui rei.

João 2	D. João II
Taes forão Muitos no mundo, ¹⁶ e o sacrosanto nome Dezempenharão, p[er]f[er]t[ur] conhecerão poucos. Eu ¹⁷ teu neto S. monarcha e Luso ¹⁸	Taes forão Muitos no mundo, e o sacro-santo nome Dezempenharão, conhecerão poucos. Eu, teu neto, senhor, monarca, e Luso
Que pelos passos teus moldei meus passos ¹⁹	[fl.] 402 v. Que pelos passos teus moldei meus passos, Que pelos passos
Que o sceptro erguendo contra o vício o crime ²⁰ Fiz da justiça a voz troar severa ²¹ Eu...	Que o sceptro erguendo contra o vício, o crime, Fiz da justiça a voz troar severa, Eu...
Scena 2	Scena 2ª
D ^{os} e Camoens	Dittos, e Camões
[Camoens] ²²	Camões
Sim; tu foste rei, ²³ Lizia o pregoa ²⁴ Europa o sabe reconhecco o mundo a terra ²⁵ Teu nome ²⁶ nos seus fastos vive, e brilha ²⁷ Meu canto o consagrou á eternidade ²⁸ Pela voz da razão clama ao universo <i>Que ensinaste a ser reis os reis do m^{do}[.]</i>	Sim; tu foste rei; Lysia o pregoa, Europa o sabe, reconhece-o a terra. Teu nome nos seus fastos vive, e brilha; Meu canto o consagrou á eternidade: Pela voz da razão clama ao universo <i>=Que ensinaste a ser reis, os reis do mundo.=</i>
Se avara sorte bafejou meus dias ²⁹ Se a patria ingrata me negou mesq ^a Té no extremo boccejo o parca vida alento Á trabalhosa quazi extinta vida ³⁰ Não, modellos dos reis, um só momento	Se avara sorte bafejou meus dias, Se a patria ingrata me negou mesquinha Té no extremo boccejo o parco alento Á trabalhosa, quasi extincta vida; Não, modellos dos reis, um só momento
Não Nunca deixei de amar, adoro-a ainda ³¹	[fl.] 403 Nunca deixei de a amar, adoro-a ainda
fl.] 363 Por sua ingratição ³² sobeja pena Nos remorsos lhe deixo; e o do ³³ universo O brado universal me assaz me ³⁴ vinga, ³⁵ e o Victimas forão do ostracismo indigno Alboq ^c e Pacheco ³⁶	Por sua ingratição, sobeja pena Nos remorsos lhe deixo, e do universo O brado universal assaz me vinga. Victimas forão d' ostracismo indigno Alboquerque, e Pacheco...

Scena 3

D^{os} e Alboquerque
[Alboquerque]

Eu³⁷ Lusitano

Fui sempre³⁸ e as Quinas triumphaes ao Ganges
Levei do Tejo p' dever, p' gloria³⁹
Foi só meu galardão servir a patria⁴⁰
Nada mais dezejei⁴¹ tal foi meu premio⁴²
Se a meu ferro cedeu tremendo o Oriente⁴³
Se o pardo Malabar, queimado Ethiope
Seus reis, seus chefes manietados curvos⁴⁴
Fiz entre ferros adorar submissos
O nome Luzo, eestremecer ante elle⁴⁵
Deste nome sagrado as leis e empenho

Só cumpriu Alboq^e o exforso ahonra⁴⁶
O denodo o valor nascem com elle⁴⁷
Covarde,⁴⁸ ePortuguez não cabem juntos⁴⁹
Nada a patria nos deve,⁵⁰ tudo a ella
Deve um bom cidadão.

Scena 3^a

Alboquerque

Eu Lusitano

Fui sempre, e as Quinas triumphaes ao Ganges
Levei do Tejo por dever, por gloria.
Foi só meu galardão servir a Patria;
Nada mais dezejei: tal foi meu premio
Se a meu ferro cedeu tremendo o Oriente,
Se o pardo Malabár, queimado Ethiope
~~Seus reis, seus chefes manietados, presos curvos~~²²
Fiz entre ferros adorar submissos
O nome Portuguez, tremer ante elle,
Deste nome sagrado as leis, e empenh[o]

[fl.] 403 v.

Só cumpriu Alboquerque. O exforso, a honra
O denodo, o valor nascem com elle:
Covarde, e Portuguez não cabem juntos.
Nada a patria nos deve; tudo a ella
Deve o bom cidadão.

Scena 4^a

Os mesmos, O Patriotismo

Camões

Guerreiro illustre,

Gloria, eterno brazão dos Lusitanos.
A patria nossa já não vive, Affonso;
Oppressa geme de ferrenho jugo
A flor, a augusta das nações princeza
Mãos parricidas de seus proprios filhos
Seu seio maternal dilacerando...
Oh cumulo de horror! Oh crime infando!
Oh Lysia! Óh Lisia, quando nos teus muros
Verei raiar os bonãosos dias,
Que o fado lisongeiro te promete!

[fl.] 404

Quando verei de rojo o mundo inteiro
Aos impulsos ceder das armas tuas!
Quando verei cem reis, rendidos, curvos
Suplicarte humildosos leis, e amparo

Quando empunhando o sceptro do Universo
 Hade o universo tributar-te incensos!
 Baldadas esperanças! vãoos dezechos!
 A virtude fugiu de nossos muros,
 Foi com ella a ventura, o exforço, a glor[ia.]
 Óh virtude, onde estás? Óh Liberdade!
 Óh Leis d' Astrea, revivei com ella!
 Inutil brado! Infructuoso rogo!
 Longe as affasta imperiosa força!
 Folga com nossos ais a tirania,
 Rí com nossos gemidos. Réga o pranto
 Do triste povo as faces descóradas;
 Lida, geme em silencio entre penurias
 Na desgraça da patria, e de seu povo
 Vil caterva de infames oppressores
 Não consente ao bom rei q. fite os olhos.
 Em seus prazeres se converte o sangue
 Dos cidadãos mesquinhos. Portuguezes,
 Livres, honrados, valorosos sempre
 Vís grilhões arrastando escravos mudos...

Affonso d' Albuquerque

Escravos!... E um momento pódem sê-lo
 Netos de Gama, netos de Pacheco?
 Não: bem os viste; com q. exforço, e gloria
 Calcando a juba de Leões grifanhos,
 Parando às Águias remontados vóos
 O intruso jugo sacudirão fortes.
 Ah quando mesmo Portugal inteiro
 Fosse rebanho vil de vis escravos
 Se op Porto lhe restar, se a vóz erguerem
 Illustres vencedores do Vimeiro,

[fl.] 364

Scena 4ª

Dios, e Minerva

Minerva

Diniz excelso⁵¹

Extremado João, vate sublime⁵²
 Guerreiro illustre, venerandas sombras⁵³
 Que da virtude ao templo sacrosanto

[fl.] 405

Então...

Scena 4ª

Ditos, o Patriotismo

[O Patriotismo]

A voz alçarão: vivem, brilhão,
 Com elles vive a Liberdade augusta
 Do Douro os filhos, valorosos sempre

Guiarão meus auspícios, vossos dotes⁵⁴
 Bem conheço quaes sois almas divinas⁵⁵
 No coração brioso inda vos pula
 O fervoroso amor da Patria augusta.
 Sei q. o premio maior de vossos feitos
 É seu nobre esplendor a gloria sua[.]
 (Pa D. Dinis)

Satisfeitos⁵⁶ sereis. – Já p' teus rogos,
 (a D. João)

Pelos teus, grande rei fulgiu no throno⁵⁷
 Que eterno o sangue cimentou dos Lusos⁵⁸
 O grão José, Maria
 O grão José, a divinal Maria⁵⁹
 No eterno alta

Por ti vate sublime ao Tejo ao Douro⁶⁰
 Dei Filinto Bocage, Elpino, Gomez⁶¹

[fl.] 365

Por ti guerreiro illustre⁶² em cada Luso⁶³
 Um Nuno⁶⁴ um Castro, um Albq. assoma
 No eterno alcassar da virtude excelsa⁶⁵
 No tempo onde viveis, já m^{tos} fulgem⁶⁶
 Por meu influxo do⁶⁷ paterno berço
 O neto augusto de Diniz, Joanne⁶⁸
 Às plagas de Cabral levou nos braços
 A fugitiva liberd^e Lusa⁶⁹
 Lá⁷⁰ co sceptro abarcando os hemisferios⁷¹
 De polo a polo legislando ao globo⁷²
 Do Amazonas ao Tejo estende o sceptro solio⁷³
 Firmi-lho em m^{ta}⁷⁴ e em vinculos sagrados⁷⁵
 Á pouco uni p' divinal consorcio
 Dos romanos o rei c' o rei dos Luzos⁷⁶
 A tam sancta união penhor mais sancto
 De novo agora dei aos dous imperios⁷⁷

Em jubilo commum exultão⁷⁸ folgão⁷⁹
 C' os povos do Danubio, os do aureo Tejo⁸⁰
 O Mondego os seguiu, festivo aplauzo

[fl.] 366

A Da Lusa Attenas pelos atrios soa⁸¹
 Flor da nação briosa juventude⁸²
 Esperanças da Patria, e mimo della⁸³
 Hoje o regio natal fausta celebra⁸⁴
 São f^{tes} meus, nutridos em meu seio⁸⁵
 Amo-os⁸⁶ no peito affervorar-lhes cumpre⁸⁷
 Co' patrio amor⁸⁸ o amor de seu monarcha⁸⁹

Primeiros sempre no caminho á gloria
 Com novo esmalte de coroa eterna
 No alongado porvir ganharão se' clos
 Lyzia em fim conheceu seu férreo jugo
 Recobrou seus direitos: nobres dextros
 O ousado ferro da justiça empunhão
 A favor da querida Liberdade;
 Ao nobre impulso de pujantes braço[s]
 [?] O colosso baqueou do despotism[o]
 E com elle baqueou prostrou-se a inf[?]
 Caiu das mãos aos barbaros intruso[s]
 Das oppressoras mãos o ferreo sceptro,

[fl.] 405 v.

E o sceptro, q. forjara a tirania
 Pelas mãos da razão espedaçou-se.
 Alboquerque famoso, inda tens netos
 Que sabem, como tu, ser Portuguezes.
 Portuguezes! Oh nome sacro-santo
 Oh nome augusto, venerando sempre
 Exulta, e folga nova c' roa te orna.
 Brilho fulgor maior, q. a Roma, a Grecia
 Não derão Brutos, nem Lycurgos derão.
 Lusos mavortes, campiãoes ousados,
 Ó Portuguezes celebrai-os, todos.
 Quem primeiro entre vós alçando a frente
 Tremendos raios trovejou troando?
 Foi elle sim, o impavido Cabreira.
 Foi Sepulveda, e Gil, forão ousados
 Chefes, q. os seguem, q. entre a glória fulgem
 Oh sublime! Oh divina! acção pasmosa!

fl.] 406

Oh Silveira! Oh Catão dos Lusitanos
 Oh Fabio tardador, Oh Quincio, Oh Curc[?]
 Campea, oh Porto, nos annaes da fama
 Primeiro sempre em libertar a Patria,
 Opre Recebe os louros, com q. te oma a frente.

Se em feia escuridão⁹⁰ negra impostura
 Outrora lhe enludou candido brilho⁹¹
 Á voz do grão José teu neto illustre⁹²
 Novo lhe fulge rutilante dia
 Que lhe accossou as enredadas trevas⁹³
 Que offuscavão meu brilho e m^a gloria⁹⁴
 Minerva triumphou, e a Luza Athenas
 Com novo esmalte refulgiu co'migo⁹⁵
 Fiel sempre thequi aos meus preccitos⁹⁶
 Da Europa inteira o universal aplauso⁹⁷
 Do mundo inteiro a admiração⁹⁸ lhe enfeixa os
 [louros⁹⁹
 Contente a vi correr á eternidade¹⁰⁰
 E da Grega cid^e. hombraear co' a fama¹⁰¹

[fl.] 367

Alli Ferr¹⁰² ás margens do Mondego¹⁰³
 D' Euripedes d' Horacio os sons renova¹⁰⁴
 Alli co' a sabia dextra o douto Castro¹⁰⁵
 Ora o cofre das leis abrindo a Lizia¹⁰⁶
 Ora empunhando a heroica h Homeria tuba¹⁰⁷
 Á Patria ao md^o.¹⁰⁸ á eternid^e canta¹⁰⁹
 Alli Mello facundo, egregio Elpino¹¹⁰
 E engenhos mil, e mil esclarecidos
 Que os fâstos da sciencia ornarão honrão¹¹¹

D. Diniz

Oh q^o ó deusa com teus ditos folgo¹¹²
 Que suave prazer me embebem n' alma¹¹³
 Outhorgarão-me os Ceos a gloria¹¹⁴ a dita
 D'esse alcassar te erguer¹¹⁵ onde ora fulges¹¹⁶
 Oh¹¹⁷ q. em jubilo o peito me trasborda
 De te ouvir nomear suas virtudes.¹¹⁸

(verás o prémio)

José Anastácio – D. de Teive

D. Diniz

Oh! Quanto, oh numen, com teus ditos folgo
 Que suave prazer me embebem n'alma!
 Óh Lusos, Lusos meus! Oh patria amada
 Oh! que em jubilo o peito me trasborda
 De te ouvir nomear suas virtudes.

O Patriotismo

Suas virtudes nomear ouviste?
 O premio ora verás, e o mais aceito
 Ao verdadeiro coração d'um Luso.
 Elementos cedei ao meu imperio: —▶
 Á voz do Patriotismo é nada o Fado.
 E[mmudecei, ó leis da] natureza.

fl.] 368

(11)

Elementos, cedei ao meu imperio;
 Á voz da filha do supremo Jove;¹²³
 Emmudecei, ó leis da Natureza.

[fl.] 406 v.

Vastos espaços d'alongados mares,
 Que o mundo antigo separaes do novo,
 L[ongea]o meu brado. C'o occidente extremo
 Se consolide o adusto meio-dia.
 Por[tugu]ezes fieis, eis vosso premio.

([Some-se] a fachada do templo, apparece o retratto de S. M. XXX)

Por milagre d'amor, de lealdade,
 É elle, é vosso pae, e rei, e amparo:
 Por este o sangue a rodo desparzistes,
 E no throno o firmastes vacillante:
 Por gloria, por dever vós sois seus filhos,
 Por gloria, por dever elle é pai vosso.
 Sêde, quaes sempre fosteis, Portuguezes
 Dezempenhae o venerando nome;
 Brilhe no peito vosso o amor constante
 Das Leis, do Rei da Patria, e L[ib]erdade.]

Vastos espaços d'alongados mares¹²⁴
 Que o mundo antigo separaes do nov[o,]
 Longeao meu brado. C'o occidente e[xtremo]¹²⁵
 Se consolide o adusto meio-dia.
 Portuguezes fieis, eis vosso premio.

(Some-se a fachada do templo, apparece o re[trato] de S. M. -

Por milagre d'amor, de lealdade¹²⁶
 É elle, é vosso pae, e rei, e amparo:
 Por este o sangue a rodo derramasteis,¹²⁷
 E o throno vacillante lhe firmaste[s]¹²⁸
 Por gloria, por dever vos sóes seus fi[lhos,]¹²⁹
 Por gloria, por dever elle é pae vo[ssu.]
 Sede quaes sempre fosteis, Portug[uezes]¹³⁰
 Dezempenhae o venerando nome¹³¹
 Brilhe no peito vosso o amor cons[tante]
 D[as leis,] do rei da patria[,] e Li[berdade.]¹³²

[fl.] 369

Coimbra em Novembro de 1819.

- 1 X. C.: *venturosos*,
- 2 G. A.: *ventura*:
- 3 X. C.: *templo*;
- 4 G. A. e X. C.: *morte, ó filbo*,
- 5 X. C.: *ligaram*:
- 6 Pronome acrescentado posteriormente, no momento da cópia da segunda versão.
- 7 X. C.: *Dinis*:
- 8 G. A. e X. C.: *amor*,
- 9 G. A.: *piedade*; X. C.: *piedade, cândida justiça*,
- 10 X. C.: *paternal*,
- 11 G. A.: *abrigo*. X. C.: *abrigo*:
- 12 X. C.: *oroveitoso*,
- 13 G. A. e X. C.: *vereda*,
- 14 G. A.: *ergueste*, X. C.: *ergueste*:
- 15 G. A.: *dever*; X. C.: *dever*:
- 16 X. C.: *mundo*;
- 17 G. A.: *Eu, teu neto, senhor, monarca e luso*, X. C.: *E, se teu neto por monarca e Luso*
- 18 G. A.: X. C.: *E, se teu neto por monarca e Luso*
- 19 G. A. e X. C.: *passos*,
- 20 G. A.: *vício, o crime*, X. C.: *vício e o crime*
- 21 G. A.: *severa*; X. C.: *severa*,
- 22 O autor não indica de quem é a fala, nas depreende-se que é de Camões.
- 23 X. C.: *rei*;
- 24 G. A.: *pregoa*; X. C.: *pregoa*,
- 25 G. A.: *terra*; X. C.: *terra.*,
- 26 Palavra acrescentada na entrelinha superior.
- 27 G. A.: *brilha*; X. C.: *vive e brilha*
- 28 G. A.: *eternidade*; X. C.: *eternidade*.
- 29 G. A. e X. C.: *dias*,
- 30 G. A.: *vida*, X. C.: *trabalhosa, quase extinta, vida*,
- 31 G. A.: *ainda*. X. C.: *de a amar, adoro-a ainda*:
- 32 G. A. e.: *ingratidão*; X. C.: *ingratidão*,
- 33 G. A. e X. C.: *e do*
- 34 Palavra acrescentada na entrelinha superior.
- 35 G. A.: *vinga*; X. C.: *vinga*.
- 36 G. A. e X. C.: *Pacheco...*
- 37 G. A.: *Eu*,
- 38 G. A.: *sempre*; X. C.: *sempre*,
- 39 G. A. e X. C.: *glória*.
- 40 G. A.: *Pátria*; X. C.: *Pátria*:
- 41 G. A.: *desejei*, X. C.: *desejei*;
- 42 O último segmento do v. foi escrito na entrelinha superior.
- 43 G. A. e X. C.: *Oriente*,
- 44 G. A. e X. C.: *manietados, curvos*,
- 45 G. A.: *ele*; X. C.: *ele*,
- 46 G. A.: *Albuquerque. O esforço, a honra*, X. C.: *Albuquerque: O esforço, a honra*,
- 47 G. A.: *O denodo, o valor, nascem com ele*. X. C.: *O denodo, o valor, nascem com ele*;
- 48 X. C.: *Covarde e Português*

- 49 G. A.: *juntos*. X. C.: *juntos*;
- 50 G. A.: *deve*;
- 51 G. A. e X. C.: *excelso*,
- 52 G. A. e X. C.: *sublime*,
- 53 G. A.: *sombras*,
- 54 X. C.: *dotes*,
- 55 G. A.: *divinas*. X. C.: *divinas*;
- 56 X. C.: *Satisfeitos*
- 57 G. A.: *grande rei fulgiu no trono*, X. C.: *grande rei, fulgem no trono*,
- 58 G. A.: *nos lusos* – X. C.: *dos Lusos*,
- 59 G. A.: *Maria*. X. C.: *Maria*;
- 60 G. A.: *Por ti, vate sublime, ao Tejo, ao Douro* X. C.: (*A Camões*) *Por ti, vate sublime, ao Tejo, ao Douro*,
- 61 G. A.: *Dei Filinto, Bocage, Elpino, e Gomes*; X. C.: *Dei Filinto, Bocage, Elpino, Gomes*;
- 62 G. A.: *Por ti, guerreiro ilustre*, X. C.: (*Para Albuquerque*) *Por ti, guerreiro ilustre*,
- 63 X. C.: *Luso*,
- 64 X. C.: *Castro*,
- 65 G. A.: *excelsa*, X. C.: *excelsa*.
- 66 G. A. e X. C.: *fulgem*.
- 67 G. A.: *influxo*, de X. C.: *influxo, do*
- 68 G. A. e X. C.: *Joanne*,
- 69 G. A.: *lusa*. X. C.: *Lusa*;
- 70 G. A.: *Lá*,
- 71 G. A. e X. C.: *hemisférios*,
- 72 G. A. e X. C.: *globo*,
- 73 G. A.: *sólio*. X. C.: *sólio*;
- 74 G. A.: *mesma*; X. C.: *mesma*,
- 75 X. C.: *sagrados*,
- 76 G. A. e X. C.: *lusos*.
- 77 G. A.: *impérios*. X. C.: *impérios*;
- 78 G. A. e X. C.: *exultam*,
- 79 X. C.: *folgam*,
- 80 G. A. e X. C.: *Danúbio os do áureo Tejo*;
- 81 G. A.: *soa*. X. C.: *soa*;
- 82 G. A. e X. C.: *Flor da nação, briosas juventude*,
- 83 X. C.: *d'ela*,
- 84 G. A. e X. C.: *celebra*.
- 85 G. A.: *seio*. X. C.: *seio*;
- 86 G. A. e X. C.: *amo-os*;
- 87 G. A.: *cumpre*,
- 88 X. C.: *amor*
- 89 G. A. e X. C.: *monarca*.
- 90 X. C.: *Se, em feia escuridão*,
- 91 G. A. e X. C.: *brilho*,
- 92 G. A. e X. C.: *José, teu neto ilustre*,
- 93 G. A. e X. C.: *trevas*,
- 94 G. A. e X. C.: *glória*.
- 95 G. A.: *comigo*. X. C.: *comigo*,
- 96 G. A.: *preceitos*, X. C.: *preceitos*.

- 97 X. C.: *aplauso*,
- 98 X. C.: *admiração*,
- 99 G. A. e X. C.: *louros*;
- 100 G. A.: *eternidade*,
- 101 G. A. e X. C.: *fama*.
- 102 G. A. e X. C.: *Ferreira*,
- 103 G. A. e X. C.: *Mondego*,
- 104 G. A. e X. C.: *D' Eurípedes, d' Horácio, os sons renova*;
- 105 G. A. e X. C.: *Castro*,
- 106 G. A. e X. C.: *Lísia*,
- 107 G. A. e X. C.: *tuba*,
- 108 G. A. e X. C.: *À Pátria, ao mundo*,
- 109 G. A.: *canta*. X. C.: *canta*;
- 110 X. C.: *Elpino*,
- 111 G. A.: *ornaram, bonrem*. X. C.: *ornaram, bonram*.
- 112 G. A.: *Oh quanto, ó Deusa, com teus ditos folgo*, X. C.: *Oh! quanto, ó Deusa, com teus ditos folgo!*
- 113 G. A. e X. C.: *n' alma!*
- 114 G. A. e X. C.: *glória*,
- 115 G. A.: *erguer*,
- 116 G. A. e X. C.: *fulges!*
- 117 X. C.: *Oh!*
- 118 X. C.: *Virtudes!*
- 119
- 120 Primeira hipótese rejeitada.
- 121 Palavra acrescentada na entrelinha superior.
- 122 X. C.: *Jove*,
- 123 X. C.: *mares*,
- 124 Como a margem foi excessivamente aparada pelo encadernador e desconhecendo o autógrafo de Coimbra,
Xavier da Cunha conjectura a palavra que falta como sendo: *agora*
- 125 X. C.: *da lealdade*,
- 126 X. C.: *derramastes*
- 127 G. A. e X. C.: *firmastes*;
- 128 G. A. e X. C.: *filhos*;
- 129 G. A. e X. C.: *Portugueses*;
- 130 G. A.: *nome*. X. C.: *nome*;